

## JANELA OU PORTÃO?

**\*Roberto Rodrigues**

A brutal seca que assola a área agrícola norte-americana pode provocar uma quebra de produção de milho e soja superior a 120 milhões de toneladas nos Estados Unidos, quase a safra completa destes grãos colhida este ano no Brasil.

Os reflexos de tamanho desastre são muitos, e já se fazem sentir através do aumento dos preços de milho e soja em todo o mundo, com repercussão no custo de produção das proteínas animais. Produtores rurais do Brasil, inclusive, já se beneficiam da crise e prometem plantar mais uma safra recorde no próximo verão. Claro que os custos dos insumos subirão muito, uma vez que a demanda por eles – fertilizantes, defensivos, sementes – crescerá também. E é lógico que nossos concorrentes de outros países tratarão igualmente de aproveitar esta janela formidável para fazer caixa.

Mas o importante é o que está por trás deste drama americano: ficou evidente a precariedade dos sistemas e modelos de Segurança Alimentar discutidos no mundo todo. No momento em que o leitor está lendo este texto, em muitos países estarão acontecendo reuniões, seminários e congressos sobre Segurança Alimentar. Acadêmicos e Governantes se debruçam diariamente sobre o assunto mas, infelizmente, a ênfase de seus discursos é sobre o abastecimento, que é apenas uma das pernas dele. A outra perna é a produção, mas as lideranças governamentais se esquecem disso, porque voto se obtém com abastecer e não com produzir.

O governo americano, neste momento, está às voltas com pressões enormes: se usa o milho para fazer etanol, os preços das carnes subirão às alturas; se usa o milho para ração animal, faltará combustível, terá que importar gasolina cara e levantar a inflação. Tudo muito ruim em um ano eleitoral em que os dois principais candidatos à presidência da República estão quase empatados tecnicamente.

Portanto, urge que as organizações multilaterais olhem o complexo do agronegócio com seriedade e maior aproximação com a produção, como já estão fazendo a ONU, o G20, a FAO e outras instituições, de olho nas regras de comércio global atoladas na Rodada de Doha da OMC.

Enquanto isso, temos que tirar proveito desta tragédia americana. Os preços estão altos e vamos plantar e lucrar, aguentar a escalada dos custos, etc, etc, até quando? Até quando esta janela estará aberta? Mais um ano? Mais dois? E depois?

Não, precisamos aproveitar a má sorte do norte e abrir um portão! Não se trata de produzir mais milho e soja para vender a eles e a outros países este ano.

Temos que montar uma estratégia de produção de carnes (frango e suíno) e leite para exportar estes produtos com valor agregado. Temos que desatar o nó da agroenergia e aumentar os canaviais, para fazer etanol à vontade para nosso mercado interno e o americano.

E, sob a orientação do Itamaraty, organizar um grande acordo, seja no âmbito da FAO, seja bilateralmente, seja onde for, em que nos comprometamos a produzir muito mais, gerando excedentes que tragam riqueza e empregos nas cidades também, além dos produtores de todos os tamanhos.

O governo já anunciou avanços em infraestrutura, o que é ótimo porque este é um gargalo e uma limitante. Mas vamos correr com o aumento dos recursos de crédito rural e agroindustrial, apoiar as cooperativas de pequenos produtores e ganhar espaço definitivo nos mercados mundiais de alimentos e energia.

Não podemos nos contentar apenas com uma janela de oportunidade. Daqui a pouco ela se fecha e ficamos a ver navios, mais uma vez: vamos ao portão monumental!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo.**